

CURSO PRE-UNIVERSITÁRIO CONEXÕES DE SABERES

PROFESSORA: FÁTIMA OLIVEIRA

1. (PRISE/UEPA-2006) Assinale a alternativa que indica corretamente os gêneros literários dos textos abaixo relacionados, na seqüência em que estão dispostos:

I- "O Dr. Mamede, o mais ilustre e o mais eminente dos alienistas, havia pedido a três de seus colegas e a quatro sábios que se ocupavam de ciências naturais, que viessem passar uma hora na casa de saúde por ele dirigida para que lhes pudesse mostrar um de seus pacientes."

(Guy de Maupassant)

II- Todas as noites o sono nos atira da beira de um cais
E ficamos repousando no fundo do mar.

O mar onde tudo recomeça...

Onde tudo se refaz...

Até que, um dia, nós criaremos asas.

E andaremos no ar como se anda na terra.

(Mário Quintana)

III- Oh! Que famintos beijos na floresta!

E que mimoso choro que soava!

Que afagos tão suaves, que ira honesta,

Que em risinhos alegres se tornava!

O que mais passam na manhã e na sesta,

Que Vênus com prazeres inflamava,

Melhor é experimentá-lo que julgá-lo;

Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo.

(Luiz de Camões)

IV- Velha: E o lavar, Isabel?

Isabel: Faz a moça mui mal feita,

corcovada, contrafeita,

de feição de meio anel;

e faz muito mau carão,

e mau costume d'olhar.

Velha: Hui! Pois jeita-te ao fiar

Estopa ou linho ou algodão;

Ou tecer, se vem à mão.

Isabel: Isso é pior que lavar.

(Mário Quintana)

a) Narrativo – Épico – Lírico – Dramático.

b) Dramático – Lírico – Épico – Narrativo

c) Narrativo – Lírico – Épico – Dramático

d) Dramático – Épico – Narrativo – Lírico

e) Épico – Dramático – Narrativo – Lírico

2. (UFSC) A carta de Pero Vaz de Caminha. Num dos trechos de sua carta a D. Manuel, Pero Vaz de Caminha descreve como foi o contato entre os portugueses e os tupiniquins, que aconteceu em 24 de abril de 1500:

"O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés de uma alcatifa por estrado; e bem

vestido, com um colar de ouro, muito grande, ao pescoço [...] Acenderam-se tochas. E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a ninguém. Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro da terra. E também olhou para um castiçal de prata, e assim mesmo acenava para a terra, e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata! [...] Viu um deles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço, e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se davam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejarmos! Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, por que não lho havíamos de dar! E depois tornou as contas a quem lhas dera. E então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir sem procurarem maneiras de esconder suas vergonhas, as quais não eram fanadas; e as cabeleiras delas estavam raspadas e feitas. O Capitão mandou pôr por de baixo de cada um seu coxim; e o da cabeleira esforçava-se por não a estragar. E deitaram um manto por cima deles; e, consentindo, aconchegaram-se e adormeceram."

Coleção Brasil 500 anos, Fasc. I, Abril, São Paulo, 1999.

3. De acordo com o texto, assinale a(s) proposição(ões) VERDADEIRA(S):

01 () Pero Vaz de Caminha, um dos escrivães da armada portuguesa, escreve para o Rei de Portugal, D. Manuel, relatando como foi o contato entre os portugueses e os tupiniquins.

02 () Em "E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a ninguém", fica implícito que os tupiniquins desconheciam hierarquia ou categoria social lusitanas.

04 () Nada, na embarcação portuguesa, pareceu despertar o interesse dos tupiniquins.

08 () O trecho "[...] e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se davam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejarmos" evidencia que havia problemas de comunicação entre os portugueses e tupiniquins.

3. (Ufla-MG) Todas as alternativas são corretas sobre o Padre José de Anchieta, EXCETO:

a) Foi o mais importante jesuíta em atividade no Brasil do século XVI.

b) Foi o grande orador sacro da língua portuguesa, com seus sermões barrocos.

c) Estudou o tupi-guarani, escrevendo uma cartilha sobre a gramática da língua dos nativos.

d) Escreveu tanto uma literatura de caráter informativo como de caráter pedagógico.

e) Suas peças apresentam sempre o duelo entre anjos e diabos.

4. (UEL-PR) “José de Anchieta, o Apóstolo do Brasil, trouxe em sua bagagem, vindo da Canárias onde nasceu, mais do que seu pendor poético. Vinha ele com mais meia dúzia de bravos com a espantosa missão de converter e educar os índios, que seus olhos e dos outros, a princípio, não reconheciam qualquer cultura.”

DELACY, M. Introdução ao teatro. Petrópolis: Vozes, 2003.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a prática de catequização de José de Anchieta, considere as afirmativas a seguir:

I. Para catequizar, Anchieta valeu-se de sua criatividade, usando cocares coloridos, pintura corporal e outros adereços que os índigenas lhe mostravam.

II. Com a missão de levar Jesus àqueles “bugres e incultos”, Anchieta se afastou de suas próprias crenças convertendo-se à religião daquele povo.

III. Com a finalidade de catequizar, Anchieta começou a escrever autos, baseados nos autos medievais, nas obras de Gil Vicente e em encenações espanholas.

IV. Para implantar a fé como lhe foi ordenado, Anchieta representava os autos na língua pátria de Portugal.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- a) I e III.
- b) I e IV.
- c) II e IV.
- d) I, II e III.
- e) II, III e IV.

5. (UFPB-2007) Texto para as questões de 6 a 9

Em que se declara o modo e a linguagem dos tupinambás.

Ainda que os tupinambás se dividiram em bandos, e se inimizaram uns com outros, todos falam uma língua que é quase geral pela costa do Brasil, e todos têm uns costumes em seu modo de viver e gentilidades; os quais não adoram nenhuma coisa, nem têm nenhum conhecimento da verdade, nem sabem mais que há morrer e viver; e qualquer coisa que lhes digam, se lhes mete na cabeça, e são mais bárbaros que quantas criaturas Deus criou. Têm muita graça quando falam, mormente as mulheres; são mui compendiosas na forma da linguagem, e muito copiosos no seu orar; mas faltam-lhes três letras das do ABC, que são F, L, R grande ou dobrado, coisa muito para se notar; porque, se não têm F, é porque não têm fé em nenhuma coisa que adorem; nem os nascidos entre os cristãos e doutrinados pelos padres da Companhia têm fé em Deus Nosso Senhor, nem têm verdade, nem lealdade a nenhuma pessoa que lhes faça bem. E se não têm L na

sua pronúnciação, é porque não têm lei alguma que guardar, nem preceitos para se governarem; e cada um faz lei a seu modo, e ao som da sua vontade; sem haver entre eles leis com que se governem, nem têm leis uns com os outros. E se não têm esta letra R na sua pronúnciação, é porque não têm rei que os reja, e a quem obedeçam, nem obedecem a ninguém, nem ao pai o filho, nem o filho ao pai, e cada um vive ao som da sua vontade; para dizerem Francisco dizem Pancico, para dizerem Lourenço dizem Rorenço, para dizerem Rodrigo dizem Rodigo; e por este modo pronunciam todos os vocábulos em que entram essas três letras.

(SOUSA, Gabriel Soares de. Tratado descritivo do Brasil em 1587- Capítulo CL – Em que se declara o modo e a linguagem dos tupinambás. In: VILLA, Marco Antonio e OLIVIERI, Antonio Carlos. Cronistas do Descobrimento. São Paulo: Ática, 1999, p. 144).

6. (UFPB-2007) Em seu texto, Gabriel Soares de Sousa

a) limita-se à descrição dos costumes indígenas, sem emitir nenhum juízo de valor.

b) destaca apenas qualidades negativas dos índios tupinambás, a quem chama de “bárbaros”.

c) exalta à liberdade em que vivem os índios, reconhecendo-a, indiscutivelmente, como um valor intocável.

d) reconhece a inferioridade da cultura dos tupinambás, ao compará-la com a de outros índios do Brasil.

e) tece considerações críticas a respeito da liberdade excessiva dos índios.

7. (UFPB-2007) Leia o fragmento.

“[...] nem os nascidos entre os cristãos e doutrinados pelos padres da Companhia têm fé em Deus Nosso Senhor, nem têm verdade, nem lealdade a nenhuma pessoa que lhes faça bem.” (linhas 7 a 9)

A leitura desse fragmento permite afirmar que o autor

a) considera eficaz a ação dos jesuítas na conversão dos indígenas.

b) mostra surpresa diante do fato de os índios não terem fé em Deus, mesmo sendo doutrinados no cristianismo.

c) defende, em princípio, que não se deve cobrar dos índios a fé em Deus.

d) reconhece a obediência dos tupinambás à conversão cristã.

e) ressalta a presença das doutrinas cristãs nas práticas religiosas dos índios.

8. (UFPB-2007) A ausência das letras F, L, R na linguagem dos tupinambás é comentada pelo autor do texto para

- a) justificar a natureza mais simples da linguagem dos índios.
- b) denotar apenas a diferença entre a língua dos brancos portugueses e a dos índios.
- c) enfatizar, sobretudo, a criatividade na expressão lingüística dos povos indígenas.
- d) criticar, principalmente, a inexistência da fé, da lei e do rei na cultura tupinambá.
- e) revelar somente os aspectos pitorescos na maneira de falar dos índios.

9. (PUC/PR/PAES-2006) Assinale a alternativa que contém as obras consideradas os dois primeiros textos de informação, na literatura brasileira.

Para a resposta, considere fatos históricos como o descobrimento do Brasil, a chegada dos primeiros colonizadores, a vinda dos jesuítas, a passagem de viajantes e de cronistas pela nova terra.

- a) Carta, de Pero Vaz de Caminha / Diário de Navegação, de Pero Lopes de Sousa.
- b) Diálogo sobre a Conversão dos Gentios, de Manoel da Nóbrega / Tratado da Terra do Brasil, de Pero Magalhães Gândavo.
- c) Tratados da Terra e da Gente do Brasil, de Fernão Cardim / Tratado Descritivo do Brasil, de Gabriel Soares de Souza.
- d) Diálogos das Grandezas do Brasil, de Ambrósio Fernandes Brandão.
- e) História do Brasil, de Vicente do Salvador / Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões, de José de Anchieta.

(UNESP-2006) INSTRUÇÃO: As questões de números 10 a tomam por base um trecho de uma carta do Padre Antonio Vieira (1608-1697) e um soneto do poeta simbolista brasileiro Pêthion de Villar (Egas Moniz Barreto de Aragão, 1870-1924).

Carta XIII – Ao Rei D. João IV – 4 de abril de 1654

(...)

Tornando aos índios do Pará, dos quais, como dizia, se serve quem ali governa como se foram seus escravos, e os traz quase todos ocupados em seus interesses, principalmente no dos tabacos, obriga-me a consciência a manifestar a V.M. os grandes pecados que por ocasião deste serviço se cometem.

Primeiramente nenhum destes índios vai senão violentado e por força, e o trabalho é excessivo, e em que todos os anos morrem muitos, por ser venenosíssimo o vapor do tabaco: o rigor com que são tratados é mais que de escravos; os nomes que lhes chamam e que eles muito sentem, feiíssimos; o comer é

quase nenhum; a paga tão limitada que não satisfaz a menor parte do tempo nem do trabalho; e como os tabacos se lavram sempre em terras fortes e novas, e muito distante das aldeias, estão os índios ausentes de suas mulheres, e ordinariamente eles e elas em mau estado, e os filhos sem quem os sustente, porque não têm os pais tempo para fazer suas roças, com que as aldeias estão sempre em grandíssima fome e miséria.

Também assim ausentes e divididos não podem os índios ser doutrinados, e vivem sem conhecimento da fé, nem ouvem missa nem a têm para a ouvir, nem se confessam pela Quaresma, nem recebem nenhum outro sacramento, ainda na morte; e assim morrem e se vão ao Inferno, sem haver quem tenha cuidado de seus corpos nem de suas almas, sendo juntamente causa estas crueldades de que muitos índios já cristãos se ausentam de suas povoações, e se vão para a gentilidade, e de que os gentios do sertão não queiram vir para nós, temendo-se do trabalho a que os obrigam, a que eles de nenhum modo são costumados, e assim se vêm a perder as conversões e os já convertidos; e os que governam são os primeiros que se perdem, e os segundos serão os que os consentem; e isto é o que cá se faz hoje e o que se fez até agora.

(Padre Antonio Vieira. Carta XIII. 1949).

O Último Pajé

Cheio de angústia e de rancor, calado,
Solene e só, a fronte carrancuda,
Morre o velho Pajé, crucificado
Na sua dor, tragicamente muda.

Vê-se-lhe aos pés, disperso e profanado,
O troféu dos avós: a flecha aguda,
O terrível tacape ensangüentado,
Que outrora erguia aquela mão sanhuda.

Vencida a sua raça tão valente,
Errante, perseguida cruelmente,
Ao estertor das matas derrubadas!

“Tupã mentiu!” e erguendo as mãos sagradas,
Dobra o joelho e a calva sobranceira
Para beijar a terra brasileira.

(Pêthion de Villar. A morte do pajé. 1978.)

10. (UNESP-2006) Embora separados por mais de dois séculos, os textos apresentados focalizam uma mesma questão social surgida no Brasil-Colônia, que tem repercussões até os dias atuais. Releia os dois textos com atenção e, a seguir,

a) identifique a questão social abordada por ambos os textos;

b) explique em que medida o poema de Pêthion de Villar, escrito em 1900, simboliza, com certa dramaticidade, um dos desfechos possíveis dos problemas apontados em 1654 por Vieira ao rei de Portugal.

11. (MACKENZIE-2006) José de Anchieta faz parte de um período da história cultural brasileira (século XVI) em que se destacaram manifestações específicas: a chamada “literatura informativa” e a “literatura

jesuítica”. Assinale a alternativa que apresenta um excerto característico desse período.

a) Fazer pouco fruto a palavra de Deus no mundo pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. (Pe. Antônio Vieira)

b) Triste Bahia! ó quão dessemelhante / Estás e estou do nosso antigo estado, / Pobre te vejo a ti, tu a mim empenhado, / Rica te vi eu já, tu a mim abundante.(Gregório de Matos)

c) Uma planta se dá também nesta Província, que foi da ilha de São Tomé, com a fruta da qual se ajudam muitas pessoas a sustentar a terra. (...) A fruta dela se chama banana.(Pêro de Magalhães Gândavo)

d) Vós haveis de fugir ao som de padre-nossos, / Frutos da carne infiel, seios, pernas e braços, / E vós, múmias de cal, dança macabra de ossos!(Alphonsus de Guimaraens)

e) Os ritos semibárbaros dos Piagas, / Cultores de Tupã e a terra virgem / Donde como dum trono enfim se abriram / Da Cruz de Cristo os piedosos braços. (Gonçalves Dias)

12. (MACKENZIE-2006)

Esta gentildade nenhuma cousa adora, nem conhece a Deus; somente aos trovões chama TUPANE, que é como quem diz “cousa divina”. E assim nós não temos outro vocábulo mais conveniente para os trazer ao conhecimento de Deus, que chamar-lhe PAI TUPANE.

Manuel da Nóbrega

O assunto do texto e a ideologia nele refletida revelam que pertence a um momento histórico-cultural em que

a) escritores já nascidos e formados intelectualmente no Brasil-colônia revelam-se críticos contundentes do processo de colonização.

b) a Bahia conheceu o espírito sagaz de Gregório de Matos, que, com seus improvisos e sua viola, caçoava de todos, inclusive das autoridades.

c) os novos escritores buscam a simplicidade formal, intimamente ligada ao grande valor dado à natureza, como base da harmonia e da sabedoria.

d) o ciclo do ouro propiciou o desenvolvimento da arquitetura, da escultura e da vida musical, principalmente em Minas Gerais.

e) relatos manifestam não só as preocupações do colonizador, como também o deslumbramento diante da paisagem brasileira.